

O MATADOR E SUA VÍTIMA

“... e a tarde que morre é medo e frio...”

(Jorge Luis Borges)

Esta história – e creio ser verdadeira – me foi narrada por um colega de faculdade em meados da década de 1960. Ele era neto de um conhecido político, que exercera elevados cargos públicos em Santa Catarina e que havia morrido alguns anos antes. Vou denominá-los neste relato (no qual utilizarei algumas licenças literárias) de Hercílio Flores, o político, e de Gustavo, o neto.

Uma das primeiras coisas que Gustavo lembrava-se do seu avô era que ele mancava da perna direita, devido a um ferimento no pé, ocorrido na sua mocidade. Ainda criança, naquela fase de incontida curiosidade, Gustavo quis saber o motivo pelo qual o avô caminhava daquela maneira. E Hercílio respondeu:

- Um dia – já faz muito tempo – tentaram me matar. Mas não conseguiram. Se isso acontecesse, você não existiria.

Tal revelação aguçou a imaginação infantil de Gustavo, num período em que ele vivia lendo histórias em quadrinhos de *cowboys* e assistindo a faroestes e seriados nos cinemas. E, sempre que podia, voltava a fazer novas indagações. Mas Hercílio desconversava, demonstrando não querer mais voltar àquele violento episódio de sua vida.

Mais tarde, já adulto, e adepto de leituras literárias e filosóficas (admirava, em especial, Platão e Bergson), as remotas palavras do avô ainda martelavam a mente de Gustavo, como um contínuo som noturno. Sim, se Hercílio tivesse sido morto, Gustavo não teria nascido. Mas de que forma o avô sobrevivera a uma tentativa de assassinato? Que imponderáveis forças são essas, que comandam, ou guiam, as ações humanas? - indagava Gustavo aos seus próprios pensamentos.

Depois que Hercílio Flores morreu – e em idade já avançada -, Gustavo decidiu desvendar como teria acontecido aquele atentado, no início da carreira política do avô. E, durante um mês de férias, viajou até o Planalto Serrano catarinense, região onde se localiza a cidade onde Hercílio nascera. Pesquisou, então, em bibliotecas e arquivos de jornais e conversou com velhos parentes e alguns poucos remanescentes da mocidade do avô. E acabou descobrindo o que realmente aconteceu.

Naquela época – do início do século XX, até as décadas de 30/40 -, sob a influência do espírito belicoso-gauchesco, ainda dominante na região

serrana, as desavenças pessoais, políticas, ou movidas por disputas territoriais, eram muitas vezes resolvidas à bala. Isso tanto poderia ocorrer em corajosos embates frente a frente, ou em sorrateiras emboscadas, nas quais tudo se consumava com um sumário tiro na testa. Em vista disso, era natural a existência de pistoleiros de aluguel, a serviço dos diferentes grupos em conflito. Mas, apesar da natureza insólita dessa função, os homens que a exerciam possuíam também os seus princípios e, assim como fanáticos torcedores de um time de futebol, só serviam a uma determinada família, ou a uma determinada facção política.

Entre todos esses pistoleiros, Francisco dos Reis, também conhecido como Tigrão, era considerado o mais exímio e competente deles e nunca falhara nas incumbências que lhe foram atribuídas. Mas, após alguns anos de “bons serviços” prestados ao seu grupo, sempre agindo como um cão fiel, Tigrão resolveu aposentar-se. Antes disso, porém, foi incumbido de mais um trabalho: eliminar um jovem político, que começava a se destacar na região, filho do já falecido Coronel Flores, próspero latifundiário e que deixara aos seus herdeiros terras de se perder de vista e centenas de cabeças de gado.

Mas, ao tomar conhecimento de quem seria a sua próxima vítima, Tigrão logo percebeu: era o seu próprio irmão, por parte de pai. Isso por que o Coronel Flores, ainda jovem, tivera um relacionamento amoroso com Mercedes, uma linda morena de cabelos revoltos e olhos redondos, mestiça com sangue índio e português, que trabalhava na fazenda dos Flores. Dessa união nasceu Francisco dos Reis (o sobrenome era uma homenagem de Mercedes à família que a criou), o qual, ainda adolescente, ao saber de suas origens, abandonou o convívio com a mãe e foi viver por conta própria, passando a odiar o pai e, mais tarde, a trabalhar com os inimigos do Coronel.

Por tudo isso, Tigrão decidiu cumprir a sua última missão. E na emboscada que preparou, na tarde gélida que morria, chegou a mirar a cabeça de Hercílio Flores (... *bastaria apertar o gatilho da espingarda e...*), mas, naquele exato momento – o que teria passado pelo seu pensamento? – baixou a arma, numa fração de segundo, e o tiro atingiu apenas o pé direito do seu alvo.

Saiu dali às pressas, pois já sabia que, a partir daí, ele mesmo seria o próximo escolhido para morrer. De fato, duas semanas depois, o cadáver de Francisco dos Reis apareceu boiando num riacho nos arredores de Bom Retiro.

Foi assim que Hercílio Flores sobreviveu a sua quase morte e uma numerosa descendência – incluindo Gustavo – pôde ser gerada. (2005)

*

*(Conto publicado originalmente no livro “O Vendedor de Diabos”,
Editora Garapuvu, 2005.)*